

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA: A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA ¹

Reginaldo Ghilardi ²

RESUMO

A presente monografia teve por objetivo discutir a relação teoria e prática na formação profissional em Educação Física. É de fundamental importância para o crescimento da área, a elaboração de uma grade curricular mínima cujas disciplinas ofereçam um conjunto de conhecimento específico sobre a Educação Física, seja oriundo das pesquisas básicas ou aplicadas. Para alcançarmos este propósito é necessário, e as discussões apontam neste sentido, esclarecermos qual o conjunto de conhecimento é de competência do profissional de Educação Física dominar, para que sua atuação possa capacitá-lo no oferecimento de programas de atividade física à sociedade. Podemos observar conforme a literatura pesquisada, que os cursos de formação profissional nos moldes atuais não habilitam o profissional a atuar no mercado de trabalho, pois privilegiam a prática de habilidades motoras como um fim em si mesma através de disciplinas ligadas a modalidades esportivas. Um curso de formação profissional em Educação Física deve conter disciplinas que explicam, em diferentes níveis, o fenômeno Movimento Humano, suas implicações e adequabilidade para o indivíduo engajado em programas de atividade física. O profissional deve saber justificar suas atitudes profissionais através do conhecimento científico, que certamente não é produzido em função das vivências práticas. Embora não haja um consenso dentro da área acerca deste assunto, esperamos ter contribuído com estas discussões, para uma melhor compreensão da natureza da preparação profissional em Educação Física.

UNITERMOS: Educação Física, Preparação Profissional, Teoria e Prática, Desempenho Profissional

INTRODUÇÃO

A Educação Física encontra-se atualmente mergulhada em alguns preconceitos que são responsáveis pelo seu baixo status profissional. Esta situação tem raízes na origem da Educação Física no Brasil e seus reflexos nos cursos de formação profissional que ocorriam na Licenciatura, cuja formação estava ligada diretamente ao âmbito esportivo e não ao processo de escolarização. Formaram-se então técnicos desportivos ao invés de professores.

A preparação profissional em Educação Física passou por mudanças profundas. Há 10 anos atrás os cursos de Licenciatura em Educação Física formavam profissionais para atuar no ensino formal e, além disso, aparentemente também davam conta de preencher as lacunas existentes na área e que não faziam parte do contexto escolar. Hoje encontramos uma realidade um pouco modificada, em parte graças aos novos conhecimentos produzidos e discutidos, em parte fruto das novas exigências do mercado.

Com a criação do Bacharelado em algumas instituições, houve uma reformulação nos currículos dos cursos de preparação profissional em Educação Física, havendo a diferenciação e a separação do Licenciado (professor) do Bacharel (profissional), visando atender, do ponto de vista profissional, às necessidades do mercado e da sociedade, ou seja, professores ligados à Educação Física escolar e profissionais ligados a programas de atividade física no atendimento de diferentes necessidades da população.

A criação dos cursos de Bacharelado veio atender a um novo perfil de profissional que não está ligado ao ensino regular, mas a uma nova e crescente fatia do mercado constituído por clubes, academias, empresas, condomínios, personal trainers, onde a atuação é direcionada não mais somente em executar habilidades, mas em saber como e porque executar.

A visão tradicional de uma ocupação largamente fundamentada nas práticas de habilidades motoras do profissional deu lugar a uma concepção onde o aspecto essencial é a posse de um corpo de conhecimento para compreender a atividade motora e desenvolver meios e tecnologias para a sua promoção. (Manoel, 1996).

Na busca de sua identidade acadêmica, os intelectuais da área definiram o objeto de estudo da Educação Física, qual seja, o movimento humano e suas implicações para o ser humano. A Educação Física deve preocupar-se em justificar a prática de qualquer atividade motora e portanto, de qualquer movimento que envolva o corpo humano interagindo com o meio.

Logo, a Educação Física deve produzir um conhecimento organizado e comprovado que permite a qualquer pessoa mover-se de forma específica ou genérica, eficaz ou harmoniosa, otimizando todas as suas potencialidades e possibilidades. (Mariz de Oliveira, 1993).

Não se concebe mais à Educação Física formar profissionais capazes somente em executar habilidades

¹ - Monografia apresentada ao curso de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu (SP)

² - Bacharel em Educação Física

motoras ou reproduzir movimentos e aulas já programadas e elaboradas. Qualquer leigo com alguma experiência motora mais ou menos desenvolvida ou praticante de uma habilidade esportiva dará conta disso. Ao contrário, o profissional deve possuir um repertório de conhecimento que o faça compreender o homem em movimento nos variados contextos em que ele se encontra, entendendo suas fases de desenvolvimento, suas necessidades, suas limitações, anseios, não se fundamentando somente na prática pela prática.

Desta forma, Pellegrini(1988) afirma que:

“... a Educação Física como uma profissão deve se apoiar em profissionais que não possuem apenas a habilidade de executar, mas a capacidade de passar essas habilidades a outras pessoas com o objetivo de levá-las ao pleno desenvolvimento de suas capacidades motoras...” (p.254)

Mais que isso, o profissional deve proporcionar através de vivências motoras variadas e conhecimento corporal, a consciência e o controle do ato motor para seu cliente, a fim de o mesmo obter autonomia de movimentos frente as diversas situações do dia a dia. Isto significa que não basta ao profissional saber executar e se apoiar nisso para atuar, pois o único beneficiário é ele próprio. Mas o profissional deve, fundamentado em seu conhecimento e não somente em suas experiências práticas, levar o cliente a dominar seu corpo em movimento e ser capaz de solucionar os problemas motores que surgirem em seu cotidiano.

Diante disso, é de fundamental importância repensar e reestruturar os currículos dos cursos de formação profissional em Educação Física, para que possam atender às reais necessidades da sociedade e sobretudo, promover a valorização da área, pois, atualmente, não há consenso a respeito da formação do profissional ser de acordo com disciplinas práticas ou teóricas.

Existem os que condenam as mudanças efetuadas nos cursos de graduação a partir da década de 90, afirmando que tornaram-se excessivamente teóricos e distantes dos serviços que o profissional deve oferecer. No entanto, há os que acreditam que as mudanças trouxeram uma nova identidade à área, caracterizando um novo perfil profissional que além de executar, compreende o homem em movimento.

Dessa forma, o debate é pertinente ao momento atual e plenamente justificável e, embora, não se tenha uma resposta definitiva a estas questões, contribui para uma melhor compreensão da natureza da preparação profissional em Educação Física.

1 - A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Estando preocupado com a qualificação profissional, assim como, com as novas exigências do mercado de trabalho e da sociedade, a formação profissional em Educação Física passou por algumas reformulações desde sua origem na Universidade.

Dentre estas modificações, a mais importante foi a criação, em algumas instituições, do Bacharelado em Educação Física, que possibilitou a diferenciação entre as duas áreas de atuação refletindo diretamente na formação do profissional.

Que motivos levaram a esta separação e qual a diferença fundamental entre as duas áreas?

1.1 - Licenciatura e Bacharelado

É comum ouvirmos da população de uma forma geral, comentários do tipo: é preciso fazer faculdade para dar aula de Educação Física?; o que é que você estuda, se é que é preciso estudar?; quando manifestamos nosso desejo de ingressar num curso universitário em Educação Física ou quando já pertencemos a área.

Isso mostra o baixo status da profissão Educação Física e é, infelizmente, uma realidade que caracteriza a área e uma visão que uma grande parcela da sociedade possui a respeito deste profissional.

Para abordarmos esta questão da desvalorização do profissional em Educação Física e investigarmos quais foram as razões para tal, é necessário retornarmos ao passado da Educação Física, mais precisamente na origem da Educação Física no Brasil.

Comparada a outras profissões tradicionais como a Medicina, Direito ou Engenharia, a Educação Física ainda está engatinhando, pois é uma área com aproximadamente 60 anos na Universidade, tendo sido criada em meados da década de 40, onde a formação dos profissionais ocorria em colégios militares.(Mariz de Oliveira; Betti & Mariz de Oliveira, 1988).

A mola propulsora para a criação da Educação Física no Brasil foi a eugenia, crença na qual o aprimoramento da raça se dava através da atividade motora. Além disso, à Educação Física era atribuída o aprimoramento do físico, do caráter, do homem moralmente sadio, da formação da “juventude brasileira”, ou seja, responsabilidade genérica e abrangente de cunho nacionalista, que não se sabia muito bem o que significava. Estes conceitos permeavam o pensamento da sociedade na época, refletindo decisivamente nos currículos dos cursos de Educação Física.

Foi neste contexto que a Educação Física foi introduzido no processo educacional, estando diretamente ligada ao âmbito escolar, carregando consigo um valor educativo que a caracterizava como uma disciplina curricular e não como uma área de conhecimento. Isto porque a Educação Física não possuía um objeto de estudo próprio que lhe desse uma legitimidade acadêmica, fazendo com que a formação profissional ocorresse em

nível de segundo grau, o que gerava um certo comodismo por parte dos profissionais. (Verenguer,1992; Mariz de Oliveira,1993). Além disso, os cursos de formação de recursos humanos para a Educação Física em nível de Licenciatura na Universidade funcionavam em condições precárias, com currículos desajustados e com pessoal docente sem a preparação necessária e, portanto, deficiente. (Mariz de Oliveira; Betti & Mariz de Oliveira,1988).

Os cursos de Licenciatura sempre solicitaram muito pouco das categorias intelectuais de conhecimento e síntese do graduado, impedindo sua utilização com elaborações pessoais, análise, detecção e resolução de problemas pertinentes a área. Sua formação restringia-se a reprodução de informações, sem autonomia e de forma acrítica. Acreditava-se que a presença de quatro ou cinco disciplinas pedagógicas no currículo da Licenciatura seria o bastante na formação do profissional que atuaria no ensino formal. (Verenguer,1992)

Da mesma forma, Moreira (1988) faz uma severa crítica aos cursos de Licenciatura quando afirma que "... em 50 anos dedicados a licenciatura, os cursos de Educação Física, a nível superior, não conseguiram desenvolver competência para o trabalho em Educação Física formal..."(p.266).

Isto significa que os cursos de Licenciatura em Educação Física não ofereciam subsídios suficientes aos graduados para lecionar e compreender o processo de escolarização, muito menos as ferramentas necessárias para atuarem na Educação Física no 1º e 2º grau. Os cursos de Licenciatura sempre valorizaram a execução de movimentos como um fim em si mesmo ao invés de buscar uma integração da educação pelo movimento com o processo de escolarização.

" ... o futuro profissional encontra um sério problema decorrente da grande quantidade de disciplinas prático - esportivas obrigatórias nos currículos da Licenciatura em Educação Física, que é a dificuldade em caracterizar a própria Educação Física, confundindo a educação do movimento, foco de atenção da Educação Física com a educação pelo movimento, não justificando sua existêncianos currículos escolares principalmente no ensino da pré-escola e primeiro grau..."(Pellegrini,1988 p.258).

Além disso, ao invés da formação profissional despertar um interesse pelo processo educacional, ela sempre esteve voltada à tecnicidade da atividade motora e aprendizagem de habilidades esportivas específicas, contrariando princípios de crescimento e desenvolvimento, caracterizando profissionais descomprometidos com o processo educacional, ou seja, pseudo-educadores. (Mariz de Oliveira; Betti & Mariz de Oliveira, 1988)

Podemos observar então uma inadequação dos

cursos de Licenciatura em Educação Física, cuja finalidade é a compreensão dos processos de escolarização, como funciona a instituição escola e como a Educação Física se insere neste contexto e não a valorização de práticas ligadas ao esporte.

Para Medina (1983), "... os licenciados em Educação Física, além de terem poucas noções sobre a finalidade da Educação e da Educação Física no ensino formal, supervalorizam a competição, o resultado e a vitória, objetivos próprios do esporte."(p.245)

Desta forma, ao "professor" que cursava três anos a faculdade de Educação Física, era atribuído, por exemplo, a função de dividir os alunos em duas equipes de qualquer modalidade esportiva na quadra, apitar jogos, organizar desfiles, liderar eventos recreativos, esquecendo-se que ele era, acima de tudo, um educador, e portanto, responsável juntamente com todo o corpo docente, pelo processo educacional formal de seus alunos.

Essa má formação do profissional na Licenciatura é a grande responsável por ter deixado a Educação Física, ainda hoje, cercada de preconceitos. Logicamente, não podemos generalizar nem cometer injustiças, pois muitos profissionais sempre estiveram comprometidos com a Educação Física e sempre buscaram discutí-la, estudá-la e questioná-la, provando à sociedade que o profissional tem algo a oferecer, conquistando o devido valor e respeito à área.

Os intelectuais da área visualizaram então a crise conceitual do que é a Educação Física, o que ela estuda, qual a sua área de atuação, pois os próprios profissionais da área não sabiam ao certo qual o objeto de investigação e pesquisa era específico da Educação Física, assim como buscou-se uma reformulação teórico-acadêmica que fosse caracterizar a Educação Física como uma área de conhecimento fundamentada e aplicada sobre o seu objeto específico de estudo.

Manoel (1986) afirma que antes de "saber o como" e "o por quê", é necessário sabermos "o que" estudar, ou seja, qual o objeto de estudo da Educação Física.

A Educação Física encontra seu objeto de estudo no movimento humano e suas implicações para o ser humano. O foco de atenção é o estudo do ser humano como um indivíduo engajado em performances motoras requisitadas na vida diária e que vão proporcionar uma melhor qualidade de vida. (Verenguer, 1992; Tani,1988; Mariz de Oliveira,1993).

Aliás, a qualidade de vida como objetivo da Educação Física é uma posição clara de Mariz de Oliveira (1993), quando ele advoga que o bem estar é uma preocupação comum também a todas as áreas acadêmicas e profissionais, porém o instrumento de diálogo e de conversa, o instrumento de ação profissional da Educação Física enfatiza o conhecimento sobre a motricidade humana para obtenção de uma melhor qualidade de vida traduzida como capacidade do

indivíduo em adaptar-se, interagir e transformar com ação o meio em que vive.

O que o autor enfoca é que o indivíduo adquira uma total consciência e controle do gesto motor utilizado no seu dia a dia, desde os mais simples até os mais elaborados, executando-o de uma forma harmoniosa e correta, com um mínimo de gasto energético e com a máxima eficiência, sem prejuízo algum ao seu organismo.

Deve-se, a partir de uma perspectiva científica, investigar o significado do movimento para o homem. Enquanto que para outras disciplinas o movimento é um meio para outros fins, para a Educação Física é o ponto inicial e final que organizará o comportamento motor. (Manoel, 1986)

Com o objeto de estudo caracterizado e definido ficou mais fácil para a Educação Física traçar novos caminhos para a formação profissional que atenda às necessidades da sociedade e às novas exigências do mercado de trabalho.

Reformularam-se os currículos dos cursos de Licenciatura e criou-se, em algumas instituições, o curso de Bacharelado em Educação Física, traçando um novo perfil de profissional. Temos agora a opção, o licenciado para atuar no ensino regular e o bacharel para atuar em qualquer segmento que não seja o ensino formal.

Agora, tanto na Licenciatura como no Bacharelado, o conhecimento deve ter uma importância maior do que o desempenho físico. O produto que se busca é a formação de professores ou profissionais e não de atletas e a atividade de ambos é eminentemente intelectual e não física.

Corroborando com a idéia acima, Mariz de Oliveira, Betti, Mariz de Oliveira, 1988 afirmam que:

“... A Educação Física tem sido prejudicada pela avalanche de práticos, pouco ou nenhuma atenção tem sido dada à teoria e ao raciocínio. Sua história tem sido eivada por erros cometidos por aqueles que voltaram as costas ao desenvolvimento e ao progresso e se contentaram em fazer sempre a mesma coisa, ano após ano meramente porque funcionava e era fácil.” (p.57).

Até agora discutimos as razões pelas quais a Educação Física é vista hoje com um certo desinteresse pela sociedade e como os profissionais da área estão se organizando para reverter este quadro. Abordaremos a seguir, as características da Educação Física que lhe garantem o status de profissão, para em seguida, discutirmos o que é ser profissional em Educação Física.

2. O QUE É SER PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Verificamos no item anterior o baixo status da profissão Educação Física junto a sociedade e que uma das razões para tal eram os cursos de formação não

estarem correspondendo as especificidades da área. Vamos discutir então os elementos da Educação Física que a caracterizam como uma profissão, justificando sua existência na Universidade, assim como o conhecimento que é necessário ao profissional dominar para atuar com competência, sendo eficiente e eficaz na sua profissão.

2.1 Características de uma profissão

A Universidade tem como uma de suas principais funções a formação de recursos humanos que vão possibilitar o atendimento às necessidades da sociedade em alguma área específica. Isto quer dizer que a sociedade demanda diferentes tipos de serviços, cada qual com o seu grau de especificidade, e o profissional deve, fundamentado num conhecimento específico a respeito deste serviço, oferecer programas e projetos que possam solucionar problemas existentes. Verificamos então que uma profissão só existe porque existe uma necessidade de se prestar um serviço específico à sociedade.

Quando transportamos isso para a Educação Física, admitimos que a sociedade em geral necessita de programas de atividade física ou motora, seja para alcançar um melhor nível de qualidade de vida, seja para atingir uma maior performance ou para ampliar o seu repertório motor. Portanto, necessita de profissionais especializados em motricidade humana e que ofereçam tais programas.

Porém, existem alguns critérios que ajudam a definir e a caracterizar uma profissão e que na verdade vão diferenciar uma profissão de uma ocupação. Estes critérios são baseados nos estudos de Flexner, citados por Barros (1993).

Em primeiro lugar, é fundamental que as atividades desenvolvidas numa profissão sejam essencialmente de natureza intelectual, onde as decisões e opções de atividades são pautadas por um conjunto de conhecimento. Em seguida, temos que toda profissão é prática, ou seja, é prestadora de serviços à sociedade. Uma profissão também é dinâmica, estando aberta continuamente a novas idéias e conhecimentos assim como é organizada, ou seja, deve possuir uma instituição que a represente, que discuta a qualidade dos serviços prestados, criando códigos e normas de conduta. Além disso, é preciso comunicabilidade, ou seja, os conhecimentos e habilidades desenvolvidos na profissão precisam ser comunicados e ensinados. E por fim, a característica altruísta, ou seja, existir para prestar sempre o melhor serviço.

A partir destes critérios, podemos dizer que a Educação Física é uma profissão e justificar sua presença na Universidade à medida em que atende às necessidades básicas que caracterizam uma profissão, ou seja, possui um corpo de conhecimento ou objeto de investigação que é o movimento humano, podendo este conhecimento ser

aplicado na atuação profissional através de programas de atividade física para um público em particular.

Dessa forma, uma verdadeira profissão possui um corpo de conhecimento profissional sobre o qual os julgamentos práticos são fundamentados. Este corpo de conhecimento é um fator fundamental para a existência de uma profissão e uma condição sine qua non para distinguir uma profissão de uma ocupação (Tani, 1996).

Além disso, existe um dinamismo na área, pois buscam-se constantemente novos conhecimentos que são difundidos através de cursos de preparação específica, obtendo-se uma qualificação cada vez maior do serviço oferecido. Só não temos ainda um órgão regulador que organize e crie condutas e normas que resguardem a profissão, mas acreditamos que isso ainda vai ocorrer, não se concretizando ainda em função da burocratização.

A principal diferença entre uma profissão e uma ocupação, segundo Lawson (in Tani, 1995) é:

“ ... numa ocupação as pessoas aceitam ou deixam vários trabalhos ou tarefas e o seu método de trabalho é dependente da tradição ou tentativa e erro.

Enquanto isso, numa profissão as pessoas estão comprometidas com uma carreira onde a execução do trabalho é baseado no conhecimento sobre a essência do serviço que oferecem e sobre a pessoa a quem prestam este serviço.” (p.14)

Na Educação Física isto pode ser assim exemplificado: Um profissional sabe justificar

porque optou por uma atividade física aeróbia sem impacto, como a hidroginástica ou a natação, para um grupo de idosos, e não uma atividade anaeróbia de alto impacto. Ou seja, a partir do conhecimento sobre as características e necessidades de uma dada população, é possível escolher o melhor programa. E isso é ser profissional.

Após caracterizarmos a Educação Física como uma profissão, é necessário fazermos uma abordagem a respeito da competência profissional em Educação Física. Para isso, vamos discutir sobre questões que nos dão conta de explicar o que é ser profissional em Educação Física e qual o conhecimento o profissional deve dominar.

2.2 Competência do Profissional em Educação Física

Quando discutimos a respeito de competência profissional, seja em qualquer área de estudo, indagamos sobre a seguinte questão: Qual conhecimento o profissional deve possuir para atuar adequadamente no mercado de trabalho e portanto, ser competente e se diferenciar?

Esta é uma questão bastante polêmica dentro de qualquer profissão, principalmente quando se trata da

Educação Física, pois envolve a preparação profissional, seja na Licenciatura ou Bacharelado, e mais que isso, trata da importância das disciplinas teóricas e práticas nos currículos dos cursos de formação profissional em Educação Física.

Existem muitas divergências envolvendo esta questão pois coloca em conflito posições bastante claras e antagônicas dos intelectuais da área, que se posicionam como “práticos ou teóricos”.

Será que existe mesmo esta dicotomia teoria-prática na Educação Física? Será o conhecimento teórico a sustentação para a atuação do profissional? Ou a experiência prática é o referencial e a maneira pela qual o profissional oferece um serviço mais qualificado? Haveria condições de ambas se associarem na busca de uma melhor formação?

As respostas para estas questões parecem um tanto complicadas, porém o intuito destes questionamentos é possibilitar uma discussão sobre qual é a formação profissional mais adequada que dê conta de suprir as falhas observadas na atuação dos profissionais em Educação Física dentro do atual mercado de trabalho.

Em primeiro lugar, é necessário definir os conceitos de “teoria” e “prática” para verificarmos do que se trata e qual a diferença fundamental entre eles. Em seguida, se as diferenças existem, verificar se os próprios profissionais estão conscientes destas diferenças, para finalmente traçarmos os pontos positivos e negativos de ambas.

Tojal (1995), define os conceitos de teoria e prática da seguinte maneira:

“ Teoria - conjunto de conhecimentos sistematizados que se propõe explicar a ocorrência de determinados fenômenos de acontecimentos.

Prática- conhecimento aplicado resultante de um saber advindo de um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre determinados fenômenos.”(p.18)

Aparentemente, existem diferenças entre a teoria e prática, ou seja, teoria refere-se aos conhecimentos produzidos e prática a aplicação destes conhecimentos.

No entanto, observamos que as diferenças só ocorrem em nível conceitual, pois tanto a teoria quanto a prática referem-se ao conhecimento, seja ele aplicado ou não. Portanto, é necessário que o profissional tenha consciência disso, pois o que falta ao profissional é o conhecimento e a compreensão do que seja teórico, como é formulado, como pode ser utilizado e quais as implicações no que se refere a aplicabilidade para a solução de problemas práticos. (Tani, 1995)

Podemos observar então a existência de uma dicotomia, uma separação, um distanciamento entre teoria e prática na Educação Física e que, de acordo com alguns autores, interfere na formação profissional. Tani (1995,

1996) afirma que a especialização e a fragmentação do conhecimento na preparação profissional promove uma separação entre disciplinas teóricas e práticas, impedindo que elas se comuniquem e se integrem. Como conseqüência, temos profissionais com capacidade de análise mas com dificuldade em sintetizar conhecimentos, impedindo a resolução de problemas práticos. Isto tem causado um abandono da teoria enquanto instrumento de auxílio à prática.

Para uns, a teoria é vista como perda de tempo, refinada porém inútil, para outros a prática não passa de repetição tacanha e acrítica, incapaz de fornecer algo de novo para a construção do conhecimento. (Mola, 1995) Os próprios docentes dos cursos de preparação profissional alimentam esta dicotomia, pois ministram disciplinas que possuem esta divisão entre teoria e prática, separando e isolando as disciplinas uma das outras como se não tivessem nada em comum. (Winterstein, 1995)

Isto quer dizer que entre o próprio corpo docente existem especialistas que ou só produzem conhecimento ou só aplicam o conhecimento, não sendo capazes de integrar e associar o conhecimento para o próprio enriquecimento profissional. O que está sendo dito é que não existe uma correspondência direta entre as disciplinas ditas práticas e teóricas no curso de preparação profissional. Muitas vezes o que é abordado numa aula na quadra não está relacionado ao conhecimento produzido em sala de aula, ocorrendo isso até mesmo em disciplinas ministradas pelo mesmo professor.

Isto não quer dizer que dentro da quadra não se produz conhecimento, mas que não existe um elo de ligação entre as diversas disciplinas pertencentes a grade curricular, não atingindo os objetivos dos alunos de graduação, pois as disciplinas são transmitidas de forma isolada, ficando sem sentido.

Há um ditado que ilustra bem esta situação: “A teoria explica tudo e nada faz. A prática tudo faz e nada explica. Aqui se concilia a teoria e a prática. Nada se faz e ninguém explica nada. (Kokubun, 1995)

Alguns autores indicam que para acabar com esta dicotomia entre teoria e prática na Educação Física haja a integração entre ambas através da práxis, ou seja, a prática refletida, teorizada, pois na verdade não são termos antagônicos, opostos, mas dialéticos, complementares e que formam uma unidade. (Mola, 1995; Marcellino, 1995; Winterstein, 1995; Tojal, 1995).

Segundo Winterstein (1995), “... a teoria sem a prática é oca, a prática sem a teoria é cega” (p.39). Isto revela a unidade teoria/prática na medida que se complementam, são duas faces de uma mesma moeda. A teoria, divorciada da prática, mais cedo ou mais tarde tende a cair no subjetivismo (Tojal, 1995; Winterstein, 1995).

O que é preciso discutir é como devem estar dispostas num currículo de curso de formação profissional em Educação Física as disciplinas

consideradas teóricas e práticas, se assim podemos classificar, a fim de oferecer um conjunto de conhecimento necessário e inerente ao graduado. Mais que isso, o quanto as disciplinas práticas vão enriquecer o repertório intelectual do aluno e não ser caracterizadas somente como aquisição de habilidades motoras.

Decerto não é simples definir que tipo de conhecimento é necessário à prática profissional. Para pessoas de tendências acadêmicas, os profissionais com domínio de conhecimento oriundos de pesquisas básicas sobre o movimento humano e o que o envolve estão mais preparados que aqueles que detêm conhecimentos aplicados, pois os conhecimentos aplicados são específicos e difíceis de serem generalizados. Já as pessoas de tendências mais profissional acreditam que os conhecimentos aplicados são mais importantes, pois os conhecimentos básicos são produzidos de forma fragmentada, sem correspondência com uma situação real de prática. (Tani, 1996)

Isto porque os conteúdos das disciplinas consideradas práticas tem-se constituído basicamente de atividades motoras próprias do esporte, dança e ginástica, e deveriam ser constituídos de conhecimentos estruturados acerca dessas atividades. Do contrário, é difícil diferenciar uma aula prática de um curso de preparação profissional de uma aula curricular de educação Física no 1º e 2º graus.

Uma disciplina com estas características constitui um luxo, pois mantém um aluno de graduação executando atividades motoras com um fim em si mesmo, além do alto custo financeiro de um curso superior. (Tani, 1996) As vivências práticas não vinculadas à aquisição de conhecimentos, sejam eles básicos ou aplicados, são difíceis de serem justificados num curso de preparação profissional que pretende ser de nível superior.

É necessário diferenciar a Educação Física no 1º e 2º grau da Educação Física enquanto curso de preparação superior. No 1º e 2º grau, um dos objetivos da Educação Física é ampliar o repertório motor dos alunos oferecendo vivências motoras de variadas formas, não se restringindo apenas as modalidades esportivas culturalmente enraizadas e praticadas pela maioria da população.

Já num curso de graduação, que deseja formar profissionais especializados em motricidade humana, deve-se discutir e analisar como se processa o movimento nas suas diversas formas de manifestações, seja no esporte, dança, recreação e sobretudo no dia a dia do indivíduo. Deve focar quais as implicações do movimento para as pessoas, o que ele proporciona, quais os benefícios, adequações, inadequações, as propriedades e impropriedades do movimento e no que ele interfere na vida das pessoas, pensando em saúde e bem estar.

Está assim em questão, a importância, a validade e a necessidade das disciplinas esportivas como voleibol, basquetebol, natação, judô, handebol, ginástica, etc, nos

moldes de treinamento e especialização.

Deveríamos oferecer cursos para todas as modalidades esportivas consideradas olímpicas? Talvez devêssemos então ter também ioga, tiro ao alvo, saltos ornamentais, pólo aquático, nado sincronizado, esgrima, vôlei de praia?

Se assumirmos que o profissional tenha experiência motora e domine todas as habilidades para que possa transmitir e atuar nos vários segmentos da Educação Física, os currículos dos cursos de graduação deveriam garantir um número infinito de experiências motoras. (Pellegrini, 1988)

E esta questão dificilmente será resolvida num curso de graduação ou em uma disciplina de 2 ou 3 horas semanais, uma vez que o acervo motor é fruto de longos anos de trabalho, principalmente aquele realizado durante a pré-escola e o ensino de 1º e 2º grau.

Tani (1996) defende que as vivências práticas sem vinculação com a aquisição de conhecimento não fazem sentido num curso de preparação profissional, mas depende de um processo contínuo de produção de conhecimento que a alimente com novas informações, ou seja, a produção de conhecimento deve estar constantemente justificando as vivências práticas.

Os argumentos que o autor acima citado utiliza para fundamentar a sua colocação é que, em primeiro lugar, mesmo se considerarmos que as habilidades podem ser adquiridas num curso de preparação profissional, qual a sua utilidade, visto que saber executar para demonstrar não foi considerado, segundo estudos recentes (Gould & Weiss; Landers; Pollock & Lee; McCullagh in Tani 1996), a melhor maneira para que os alunos aprendam novas habilidades?

Estes estudos demonstram que as características dos modelos afetam a demonstração, ou seja, a demonstração feita por modelos aprendizes pode ser tão efetiva ou melhor que a demonstração de modelos de excelência. Além disso, a demonstração acompanhado de instrução e conhecimento de resultados pode ter efeitos positivos sobre a aprendizagem. Isto porque a aprendizagem implica conhecimentos teóricos-científicos sobre as condições em que ela ocorre. Desta maneira, é melhor os alunos se espelharem num modelo aprendiz, quando por exemplo, vão aprender a executar uma parada de mãos, e o professor observar a demonstração e passar as instruções do que ele mesmo fazer a execução.

Um outro argumento utilizado é que ter passado por experiências em executar não capacita o profissional a melhor passar as instruções, pois a habilidade é uma capacidade pessoal adquirida e, portanto, subjetiva. Ela carece em objetividade, ou seja, transformar a habilidade em conhecimento declarativo, em informações verbalizadas, pois, para que as habilidades possam ser transmitidas, é preciso que elas sejam transformadas em palavras, sejam descritas. No nível de habilidade, a intenção pode estar clara, porém a maneira pela qual vai-

se atingir a meta é deficiente. E para tanto, é necessário o domínio teórico dos mecanismos e processos envolvidos na execução e aprendizagem de habilidades motoras. De outro modo, grandes atletas seriam sem exceção, ótimos profissionais de Educação Física.

Além disso, para atuar com crianças ou idosos, a capacidade de execução representa um fator irrelevante, o mesmo ocorrendo com esporte de alto nível, pois se a capacidade de execução fosse indispensável, os profissionais teriam de ser eles próprios os melhores executores.

Tani (1996) sugere então que as disciplinas consideradas práticas, ao invés de privilegiar a execução, dêem oportunidades para o graduado desenvolver sua capacidade diagnóstica, sua capacidade de observação, para o profissional conhecer, antes de passar instrução, o que o aluno necessita aprender. Ao invés dos docentes nas aulas práticas transmitir métodos e técnicas de ensino em forma de sequências pedagógicas preestabelecidas, é preferível discutir conceitos de como o aluno se move, como se desenvolve, como ele aprende e como se estrutura as atividades e as tarefas a serem ensinadas.

Neste sentido, princípios fundamentais, conceitos teóricos básicos e estratégias flexíveis de ensino constituem instrumento indispensáveis que possibilitam ao profissional, senão a solucionar, ao menos a formular seus problemas práticos (Tani, 1996).

Corroborando com as idéias acima, Manoel (1996) advoga que as disciplinas práticas num curso de graduação, deveriam desenvolver nos estudantes a capacidade de julgamento dos problemas diários, levando-se em conta a variabilidade, a complexidade e a incerteza do mundo real.

Isto quer dizer que os profissionais não devem se prender a programas e modelos fixos pré-determinados de aprendizagem, pois na atuação profissional o público é heterogêneo, as necessidades são diferentes, as estratégias mudam, os problemas se modificam constantemente. Dessa forma, os profissionais precisam estar atentos e perceber as diferentes necessidades, manipulando com as estratégias de ensino que ele acredita ideal para determinado problema e que não servirá necessariamente para outras situações.

Okuma (1996) aponta uma outra visão a respeito das vivências práticas num curso de formação profissional em Educação Física. Ela nos apresenta que tão importante quanto a aquisição de conhecimento, são as vivências práticas a medida que tais vivências forneçam subsídios necessários para que o graduado aprenda a lidar com pessoas e possa conduzir sua ação profissional num nível de excelência.

Para justificar a sua posição, a autora relata sua experiência de trabalho com idosos, onde ela afirma que dominar um corpo de conhecimento sobre a atividade motora não foi suficiente para mostrar como trabalhar com idosos, mas a capacidade de lidar com pessoas

através de amadurecimento pessoal e profissional que ela adquiriu a partir da vivência prática, é que foram fundamentais para atingir o amadurecimento de seus conhecimentos.

Okuma (1996) concorda com as colocações de Tani (1996) em relação as vivências práticas na formação profissional em Educação Física. Porém, ela acredita que também é importante as disciplinas práticas proporcionarem ao graduando, além do conhecimento cognitivo, o conhecimento em nível pessoal, ou seja, compreender o significado da vivência pessoal como auto-conhecimento, aprender a lidar com o desconhecido e aprender a lidar com as pessoas.

Tani (1996) comentando as posições de Okuma (1996), concorda que as vivências práticas são importantes para a aquisição da capacidade de lidar com as pessoas. No entanto, ele acredita que tal capacidade é adquirida ao longo do exercício da profissão e não num curso de formação profissional. Tani enxerga em Okuma um apelo à experiência pela experiência, característica marcante dos cursos de preparação profissional nos moldes tradicionais que ao seu ver estão completamente ultrapassada.

O que está sendo julgado por Tani (1996) é que a sensibilidade pessoal é uma característica genérica das pessoas adquiridas desde o nascimento em suas relações sociais e culturais, não se justificando, portanto, num curso de graduação, cuja preocupação é desenvolver a sensibilidade profissional, específica, que diz respeito ao conhecimento de uma área de estudo.

Corroborando com as idéias de Tani, Proença (1996) considera a experiência um recurso valioso. Porém uma maneira de garantir o aproveitamento desta experiência é dominar uma sólida fundamentação teórica que norteia a atuação, caso contrário, será caracterizada como uma pedagogia fundamentada no empirismo, não explicando os porquês disto ou daquilo.

Não está sendo colocado em dúvida a importância e a necessidade das disciplinas práticas em um curso de formação profissional, mas sim a maneira como tais disciplinas são ministradas e o quanto vão se constituir como instrumento de ação profissional e não somente aquisição e prática de tarefas motoras.

Deve haver uma interdisciplinariedade entre as matérias do currículo da graduação a ponto de levar o aluno a estabelecer correspondências entre as diversas disciplinas, sejam elas oriundas de conhecimentos básicos ou aplicados, a fim de proporcionar um conjunto de conhecimento amplo, completo, porém específico sobre o objeto de investigação da Educação Física.

Perde-se muito tempo com práticas de atividades motoras próprias de algumas modalidades esportivas que na realidade não acrescentam nada ao repertório de conhecimento que o futuro profissional deve dominar. Isto não quer dizer que devam ser abolidas necessariamente as disciplinas ligadas às modalidades

esportivas, mas que tais disciplinas, se não servirem para auxiliar na compreensão do fenômeno Motricidade Humana, não tem razão de ser em um curso de Educação Física. Se for somente a prática pela prática, não se justifica num curso superior.

Atualmente sabemos que Educação Física e Esporte são fenômenos diferentes, com objetivos particulares, mas que possuem como base fundamental o movimento humano. Portanto, devem ser estudados em cursos separados, com formação diferenciada e não como ocorre atualmente, onde as disciplinas esportivas constituem-se em maioria nos 4 anos de duração de um curso de Educação Física. Se entendermos que o fenômeno Esporte pode contribuir para a formação de profissionais de Educação Física, que exista modalidades esportivas em um curso de formação profissional, mas que estas disciplinas tenham a função de fornecer subsídios e instrumentos para uma melhor compreensão deste conteúdo para a Educação Física.

Podem surgir questionamentos a respeito da qualificação do serviço oferecido pelo profissional em nível de facilitar seu trabalho, quando este além de possuir o conhecimento, também é um bom executor da atividade que ele ministra, podendo então, demonstrar o gesto corretamente executado por um aluno.

Porém, um curso superior de Educação Física que dura 4 anos na Universidade não dará conta de transmitir um mínimo de conhecimento necessário para a formação de um profissional e ao mesmo tempo oferecer “cursos” de aperfeiçoamento de habilidades motoras específicas. Dessa forma, o aluno que achar necessário para seu enriquecimento profissional dominar os movimentos referentes a alguma habilidade ou modalidade esportiva, que ingresse num treinamento especial em algum clube, academia, etc, e complemente a sua formação.

O bom profissional de Educação Física não é aquele que pratica e sabe executar determinada tarefa motora. Mas o bom profissional é aquele que compreende as necessidades do cliente, respeita as suas limitações porque seu conhecimento permite detectar seu nível de aprendizagem e suas capacidades e, além disso, é capaz de despertar nos indivíduos a consciência de que a atividade física é uma arma eficaz para proporcionar um nível de excelência em sua qualidade de vida.

Será que é do conhecimento da sociedade ou até da consciência dos profissionais ou futuros profissionais da área a responsabilidade profissional que a Educação Física exige?

Vamos supor que tal responsabilidade não é do conhecimento dos profissionais. Daí surge a seguinte questão: - Quais são as características do trabalho profissional em Educação Física?

Em suma, o trabalho profissional em Educação Física se caracteriza por: a) - lidar com pessoas que participam de programas de atividade física ; b) - poder

interferir no crescimento-desenvolvimento de indivíduos através de uma atividade física ou um exercício bem executado ou mal orientado; c) - promover alterações morfo-fisiológicas nos clientes que seguirão programas de exercícios, pois a atividade física produz uma resposta antes, durante e depois da aplicação de uma exigência física; d) - disseminar conhecimento sobre Movimento Humano e como este conhecimento pode ajudar a solucionar problemas motores no dia a dia.

Diante disso, parece pouco a nossa responsabilidade profissional? E será que a nossa formação profissional nos capacita para assumirmos tamanha responsabilidade?

Logo, um curso de graduação em Educação Física deve proporcionar uma capacitação técnico-científica que uma profissão como qualquer outra exige e não confiar mais em uma ação profissional baseada na improvisação ou simples intuição natural e imaginação de momento. (Soriano, 1997) ⁽³⁾

Precisamos rediscutir e orientar melhor as disciplinas que fazem parte da formação profissional em Educação Física no sentido de fomentar o conhecimento sobre o Movimento Humano e sua relação com a área de estudo e não mais perder tempo com disciplinas que somente nos conduzirão para a realização de tarefas motoras muito utilizadas na pré-escola e 1º e 2º graus.

Ao mesmo tempo não podemos sobrevalorizar as disciplinas taxadas de teóricas, pois muitas vezes estas disciplinas, que se aproximam muito das disciplinas mães como a filosofia, psicologia, fisiologia, sociologia, produzem um conhecimento básico, fragmentado, distante de uma situação aplicada na atuação profissional em Educação Física.

Em consequência disso, podemos encontrar alunos da graduação em Educação Física que sabem explicar tão bem quanto um fisiologista, por exemplo, como funciona o processo de captação de glicose pelo hormônio insulina em diabéticos e suas implicações ou como se processa, metabolicamente, a remoção do ácido láctico após uma sessão de exercícios extenuantes, mas não é capaz de aplicar este conhecimento na elaboração de um programa de exercícios adequado para um cliente que se encontre em qualquer uma dessas situações.

Podemos encontrar também profissionais que estudam os grupos musculares envolvidos na habilidade bandeja no basquetebol e como o fortalecimento de tais grupos musculares melhoram a performance desta habilidade. E agora pergunto: Qual é a porcentagem da população brasileira que joga basquetebol? Mais que isso: Desta população que joga basquetebol, quantos objetivam performance e necessitam saber deste conhecimento? Não estou dizendo que estes conhecimentos não são importantes, mas abrangem um público muito específico. Os conhecimentos na Educação Física devem ser produzidos também para serem generalizados.

(3). Apontamentos de aula. Conteúdo desenvolvido na disciplina Ética Profissional e dimensões sociais da Educação Física, sob responsabilidade da profª. Ms. Jeane Barcelos Soriano - Departamento de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu. 21/08/97

Dessa forma, tanto o conhecimento extraído das disciplinas “teóricas” quanto o conhecimento extraído das disciplinas “práticas”, devem servir para solucionar as questões pertinentes à Educação Física e sua relação com a atuação profissional.

Diante das questões apresentadas a respeito da relação teoria e prática na formação do profissional de Educação Física, podemos observar que a dinâmica do conhecimento e da sociedade exige de uma profissão e de seus profissionais maturidade e responsabilidade, ou seja, que os profissionais tenham consciência da importância e da necessidade de uma atuação profissional fundamentada em conhecimentos científicos que vão justificar suas atitudes diante do cliente ao qual prestam serviços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo discute a relação teoria/prática nos cursos de formação profissional em Educação Física, conforme a literatura pertinente, com o intuito de lançar novos questionamentos e promover novas reflexões a respeito de como deve ser formada a grade curricular de um curso de formação profissional em Educação Física que proporcione uma melhor capacitação profissional.

Pode-se verificar, junto a literatura pesquisada, que os cursos de formação profissional em nível de Licenciatura estavam, no passado, preocupados em formar executores e repetidores de habilidades motoras sem o devido conhecimento sobre motricidade humana e sem comprometimento com o processo educacional. Por isso, as disciplinas curriculares que compunham estes cursos valorizavam excessivamente a prática de habilidades como um fim em si mesma. Logo, o bom profissional era aquele que sabia executar bem determinada habilidade, aquele que sabia demonstrar.

Se outrora a prática de habilidades em si caracterizava uma profissão, hoje isso não satisfaz. Pelo contrário, uma profissão necessita fundamentalmente de um conjunto de conhecimento no qual a atuação prática é fundamentada. Logo, o profissional de Educação Física deve saber justificar suas atitudes profissionais a partir do conhecimento científico e não mais somente através da experiência.

É diante disso que foi questionada a importância, a validade e a necessidade de como algumas disciplinas são conduzidas no curso de formação profissional, quando privilegiam a execução de movimentos pela execução.

Para alguns autores, a formação do profissional

deve dar conta de explicar como se processa o movimento, em que circunstâncias, o que o movimento proporciona e qual a sua interferência na vida dos indivíduos que o praticam pensando em qualidade de vida. Deve-se partir desta perspectiva para a elaboração de uma grade curricular mínima de um curso superior em Educação Física. (Mariz de Oliveira, 1993; Pellegrini, 1988; Tani 1996, 1995; Moreira, 1988; Manoel, 1986)

Já para Okuma (1996), tão importante quanto o conhecimento, são as vivências práticas à medida que proporcionam ao graduando a oportunidade de aprender a lidar com as pessoas, ou seja, um conhecimento em nível pessoal.

Tani (1996) afirma que aprender a lidar com pessoas é uma condição adquirida através da atuação profissional e não uma preocupação de um curso de graduação, cuja função é transmitir o máximo de conhecimento possível sobre um objeto de estudo específico. Caso contrário, manter disciplinas que valorizem a experiência prática, constitui-se um luxo e desqualifica a formação do profissional, pois capacidade de lidar com pessoas pode ser adquirida no dia a dia em qualquer profissão no convívio social.

Não estou dizendo que as disciplinas ligadas às modalidades esportivas devam ser abolidas do curso de preparação profissional em Educação Física. Mas que, se elas se preocuparem somente com repetição de modelos e execução de habilidades específicas objetivando a performance, não se justificam num curso de graduação.

Hoje a Educação Física está em busca de sua regulamentação e de seu reconhecimento profissional junto à sociedade. Os profissionais da área estão rediscutindo conceitos e idéias para que a Educação Física supere sua crise de identidade e conquiste seu status profissional. A criação do Bacharelado em Educação Física está inserido neste processo de reformulação conceitual da área, pois a formação do Bacharel é direcionada a atender um público fora do contexto escolar. Os intelectuais entendem que há a necessidade de formar profissionais comprometidos com o processo de escolarização (licenciados) e profissionais que atuem em outros segmentos que não estivessem relacionados à escola (bacharel). Atualmente não existe um consenso a respeito de uma formação profissional ideal em Educação Física. No entanto, sabemos que a formação profissional nos moldes tradicionais está ultrapassada, devendo portanto ser repensada e reestruturada, para que possam ser formados profissionais capazes de compreender o ser humano em movimento nos diversos contextos em que ele se insere.

Abdicar da reflexão, ignorar as mudanças e desprezar o conhecimento é condenar a Educação Física e seus profissionais a disputarem o mercado de trabalho com aventureiros (leigos) que baseiam seus procedimentos em experiências motoras adquiridas nas

vivências práticas no decorrer da vida, por improvisação, intuição natural ou imaginação de momento.

Assim, espero ter contribuído para que novas questões sejam levantadas e discutidas à luz do conhecimento, seja ele básico ou aplicado, no desejo de se chegar a um consenso a respeito da formação do profissional em Educação Física que atenda às necessidades da sociedade e, acima de tudo, lancem novas perspectivas para a área.

ABSTRACT

PROFESSIONAL PREPARATION IN PHYSICAL EDUCATION: THE RELATIONSHIP THEORY AND PRACTICE

The purpose of this paper was to discuss the relationship between theory and practice in the professional preparation in Physical Education. It is of fundamental importance for the growth of this field the preparation of a minimal curricular grid, the disciplines of which may offer a set of specific knowledge on Physical Education, originating from either basic or applied research.. For us to reach this goal, it is necessary, and discussions indicate this direction, that clarify the which is the composition of knowledge under the Physical Education professional's competence to master, so that his/her performance may enable him/her to offer society physical activities programs. We can observe, in accordance with the literature researched, that the professional preparation course under the current standards do not enable the professional to be active in the labor market, because they prioritize the practice of motor abilities as an achievement in themselves, by means of disciplines related to sports activities. A course for professional formation in Physical Education should contain disciplines explaining, at different levels, the Human Movement phenomenon, its implications and adequateness to the individual engaged in physical activities programs. The professional should know how to justify his/her professional attitudes based on scientific knowledge, which certainly is not produced in reason of practical experiences. Though there is no consensus in the field about this subject, we hope to have contributed with these discussions to a better understanding of the nature of professional preparation in Physical Education.

UNITERMS: Physical Education, Professional Preparation, Theory and Practice, Professional Performance

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, J.M.C. “ Educação Física e Esportes: Profissão? “ - Revista Kinesis - Ensaios - 11, 5-16. 1993.

- KOKUBUN, E. **“Qualidade da Pesquisa da Educação Física”**. ANAIS III Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo, p.95-104 1995.
- MARCELLINO, N.C. **“A Dicotomia Teoria/Prática na Educação Física”** - ANAIS III Semana da Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo, p.31-37 - 1995.
- MANOEL, E.J. **“Movimento Humano: considerações acerca do objeto de estudo da Educação Física”** - Boletim FIEP, 56(1):33-9,1986.
- _____. Apresentação - **Caderno Documentos** - nº 2- Escola de Educação Física - Universidade de São Paulo, 1996
- _____. **“Preparação Profissional: Na teoria a prática é outra.”** Um comentário a Tani - Caderno Documentos - nº2 - p.23-27- Escola de Educação Física - Universidade de São Paulo,1996
- MARIZ DE OLIVEIRA, J.G. **“Educação Física: Tendências e Perspectivas.”** ANAIS I Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo, p.6-22,1993.
- MARIZ DE OLIVEIRA, J.G.; BETTI, M & MARIZ DE OLIVEIRA, W. **Educação Física e o Ensino de Primeiro Grau.** São Paulo, EPU/EDUSP,1988.
- MEDINA, J. P.S. **A Educação Física cuida do corpo....e “mente”**. Campinas: Ed.Papirus,1983.
- MOLA, L.G.C. **“A Dicotomia Teoria-Prática na Formação Profissional em Educação Física - A Flexão de Zenão”**. ANAIS. III Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo,p.22-30,1995.
- MOREIRA, W.W. **Educação Física e Universidade: repensar a formação profissional.** In PASSOS, Solange C.E. (org.) Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Universidade de Brasília, SEED/MEC,1988.
- OKUMA, S.S. **“Significado da experiência: Outra visão sobre vivências práticas no curso de graduação em Educação Física.”** - Caderno Documentos - nº2 - p.28-31- Escola de Educação Física - Universidade de São Paulo,1996
- PELLEGRINI, A.M. **“A Formação Profissional em Educação Física”**. In PASSOS, Solange C.E. (org.) - Educação Física e Esportes na Universidade Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desporto,1988.
- PROENÇA, J.E. **“Educação Física: por uma prática fundamentada”** ANAIS - IV Semana da Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo - p.2-8,1996.
- TANI, G. **“Pesquisa e Pós Graduação em Educação Física”**. In PASSOS, Solange C.E.(org.)Educação Física e Esportes na Universidade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Física e Desporto- 429p,1988.
- _____. **“A Dicotomia Teoria/Prática na Educação Física”** ANAIS III Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo,p.7-16,1995.
- _____. **“Vivências Práticas no curso de Graduação em Educação Física: necessidade, luxo ou perda de tempo?”** Caderno Documentos - nº2 - p.1-27- Escola de Educação Física - Universidade de São Paulo,1996.
- TOJAL, J.B.G. **“A dicotomia Teoria/Prática na Educação Física”** ANAIS III Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu - São Paulo,p.17-21,1995.
- VERENQUER, R.C.G. **“Bacharelado e Licenciatura: o caso da Educação Física”** Journ.Univ.São Judas Tadeu - 2(11):4,1992.
- WINTERSTEIN, P.J. **“A dicotomia Teoria-Prática na Educação Física”**. ANAIS III Semana de Educação Física - Universidade São Judas Tadeu. São Paulo,p.38-45,1995.

Recebido para publicação em: 29.10.97

Endereço para contato:

Reginaldo Ghilardi
Rua Luiz Anhaia, 174 Vila Madalena
São Paulo SP
CEP 05433-020